

Texto completo para Encontro Regional da ANPUH-SP-2016_UNESP, Assis_ 05 a 08/2016

Maternidade: obrigação, recusa e escolha

ALICE MITIKA KOSHIYAMA

Docente da ECA-USP (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo)

Código do trabalho: 7946635

Introdução

A historiografia sobre a maternidade foi abordada com as ferramentas da interdisciplinariedade dos estudos, da demografia às abordagens socio-culturais -- e as pesquisas sobre a importância da abordagem de gênero. “O ensaio de Anne Cova “História da Maternidade: em que ponto estamos?”” (COVA, 2011)

No entanto em Cova, salvo melhor leitura, a questão de gênero aparece na perspectiva de proteção à maternidade pelo estado de bem estar social e o valor é o de ser mãe. Conforme lembra Michelle Perrot, estudos sobre a mulher é algo muito recente na academia, iniciado nos anos 70 do século XX (PERROT, 2007) E os desafios da autonomia são ignorados no contexto historiográfico de Cova, dentro dos princípios da legitimidade da pesquisa acadêmica..

A percepção da desigualdade das mulheres

A idéia de que mulheres devem ter direitos era algo inusitado nas primeiras décadas do século XX, no Brasil. A mulher estava reservado o papel de ser uma mulher do lar, mãe e esposa.

Revisitamos Ercília Nogueira Cobra, uma pensadora radical que defendeu o fim dos seus dias suas proposições sobre a sexualidade e a vida das mulheres. Suas concepções sobre saúde e sexualidade foram validadas em pesquisas realizadas posteriormente por Freud, segundo estudos de Peter Gay. (KOSHIYAMA, 2008).

“Educação para os direitos da mulher Mas a mulher é um ente humano! Tem direitos naturais, soffre não pôde continuar a servir de tapete para os pés dos homens.” Ercília N. Cobra (Virgindade..., 1924, p.51), [cf.: transcrição de R. Q. Cobra] A partir da obra de Ercília Nogueira

Cobra, Virgindade Anti-Higiênica. Preconceitos e convenções hipócritas. Ed. da Autora, 1924, na transcrição feita para internet por Rubem Queiroz Cobra, trabalhamos a relação entre educação, trabalho, autonomia, sexualidade e saúde. Esses quesitos estão relacionados a admissão de que a mulher é um ser humano com direitos de cidadania.

Partimos de uma perspectiva interdisciplinar da questão para problematizar a questão de gênero: o conceito do que é ser uma mulher saudável muda ao longo do tempo. Há várias pesquisas sobre a construção da saúde e um deles apresenta uma perspectiva sobre sexualidade e vida cotidiana e relata a participação da ordem médica, religiosa e educacional na construção social da saúde ao estabelecer patologias e doenças de uma época (cf.: Peter Gay. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos.*). Gay refere-se ao contraste entre os discursos sobre a sexualidade – as interdições, as condenações, os pecados, as enfermidades – e os registros sobre as práticas realizadas, as fantasias alimentadas sobre sexo na vida cotidiana. Ou seja, o comportamento sexual pregado era um mito, mas pessoas adoecem ao tentar seguir diretrizes dominantes sobre como viver a sua vida sexual; e parte delas foram pacientes da psicanálise de Freud. A história da sexualidade reprimida derruba a idéia da saúde mental como um valor em si, desligado da sociedade que o prescreve. Neste contexto, consideramos as mudanças sobre os comportamentos dados como corretos e saudáveis, exemplos de conquistas pertinentes a ampliação dos direitos de cidadania da mulher. Por isso, cabe observar a emergência de discursos sobre questões de gênero, divergentes da ordem dominante em diferentes épocas da história. O que inclui a questão a maternidade.

O livro de Ercília Nogueira Cobra traz proposições para a vida cotidiana da mulher na sociedade brasileira dos anos vinte. Veremos se suas propostas para a vida das mulheres, formam um processo de “longa duração” (cf.: Fernand Braudel. “História e ciências sociais: a longa duração”) na história dos direitos de cidadania e dos direitos sexuais e reprodutivos. É de Cobra a proposição de que a maternidade não pode ser imposta as mulheres, e que as mulheres tinham o direito de rejeitar a idéia de ser mãe. Ela própria recusou esse papel, em confronto direto com os costumes de sua época.

No tempo de Ercília Nogueira Cobra, a mulher vivia sob o peso esmagador do anti-higienismo das leis e dos costumes, o que impedia o seu pleno desenvolvimento: intelectual, físico e emocional. E que Ercília lutou contra a religião, as leis, a medicina, a polícia e a maioria de mulheres e homens insensíveis à sua pregação inovadora.

A situação de desigualdade da mulher no Brasil Colonial foi abordada por Renata Araújo em uma síntese didática que descreve as condições de opressão para todas elas, mães e mães solteiras, concubinas, escravas, praticantes de abortos e infanticídios. (ARAÚJO, 2016)

E Rago (1991) explica, em sua tese o sistema que mantinha a opressão das mulheres rotuladas em “honestas”, as prostitutas e as religiosas. No seu estudo vemos em detalhes a organização social, religiosa, econômica e política, tão bem criticada por Ercília Cobra.

Mudar os homens é algo que Ercília não vislumbra. As mulheres tinham na educação e na profissionalização a chave para uma vida em autonomia.

Permanência do passado no presente

A distância no tempo mostra a permanência de uma situação de opressão em vários lugares do mundo: o não reconhecimento pleno da autonomia da mulher sobre a sua saúde física e mental, a negação dos seus direitos de cidadania – civis, políticos, econômicos, sociais, inclusive os sexuais e reprodutivos. Ercília Cobra debate explicitamente as questões da sexualidade e da reprodução, que eram silenciadas ou camufladas nos anos vinte do século passado, como direitos e como temas da saúde da mulher.

Do seu texto, extraímos uma conclusão: virgindade, gravidez, aborto, maternidade são processos vividos pelos corpos das mulheres, mas são pessoas na cultura que defendem os valores, constroem os ritos e elaboram os mitos sobre esses momentos.

A visão de Ercília é diferente do feminismo de Cármen da Silva, que foi apresentado, debatido e defendido nas páginas da revista *Cláudia* de 1963 a 1985. E propunha mudar os papéis de homens e mulheres na sociedade: modificar leis, dividir tarefas, compartilhar papéis de cuidar dos filhos e da casa e trabalhar em uma profissão. Ela propunha uma mulher “protagonista de sua história”. (KOSHIYAMA, 1998) Eram possibilidades vistas nos anos sessenta do século XX, e mesmo hoje, as mulheres podem investir na autonomia.

Mas de quais mulheres estamos falando? As mulheres com educação regular adquirem habilidades para desenvolver uma carreira profissional, elas tem possibilidades de buscar rumos novos para as suas vidas. São elas que podem avaliar as dificuldades da maternidade e até negar a assumir o status de ser mãe.

O mito da maternidade maravilhosa permanece

Detesta ser mãe? Nem imagine.

Uma recém-mãe de classe média, com amplos apoios familiares para viver teve o seu facebook bloqueado e recebeu mensagens de espanto e de desagrado porque ousou afirmar que ser mãe era uma tarefa árdua, que detesta fazer. Ela não dava conta, estava sem dormir e comer direito, o corpo doía porque foi submetida a uma cesariana. Nega que estivesse com depressão pós-parto. E gosta muito da sua criança, apenas descobriu que qualquer recém-nascido dava um imenso trabalho nos primeiros meses de vida. O que não se admite e não se ensina para as candidatas a mãe.

Na última semana, um desafio levantado a mães nas redes sociais acabou gerando uma enorme polêmica. Em vez de, como na proposta, compartilhar fotos felizes da maternidade, a dona de casa Juliana Reis, de 25 anos, decidiu mostrar a sua experiência real, que descreveu como dolorosa e cansativa: “Quero deixar bem claro que amo meu filho, mas odeio ser mãe”, disse, num trecho. Rapidamente o post viralizou e, em pouco mais de um dia, teve quase 80 mil curtidas. Junto com ele, vieram milhares de comentários de apoio e, mas principalmente de recusa à postura da mãe - alguns deles afirmando que a jovem estaria sofrendo de depressão pós-parto. Por volta das 5h desta quarta-feira, antes de finalmente ir dormir, uma surpresa: o perfil de Juliana foi denunciado para o Facebook e, em seguida, bloqueado. Ao EXTRA, Juliana comentou que a decisão de publicar o post teve o objetivo mostrar a realidade já que, para ela, ser uma boa mãe não tem nada a ver com sorrir o tempo todo. “Está tudo bem que seja doloroso”, diz ela, que pretendia apenas trocar ideias com as amigas, sem a pretensão de que seu texto se tornasse viral.



o1 1 3G 2 15:47

← Q Pesquisar

 **Juliana Reis** com **Daiane Ximenes** e **outras 22 pessoas.**
15 de fev às 15:38 • 🌐

Desafio NÃO aceito! Me recuso a ser mais uma ferramenta pra iludir outras mulheres de que a maternidade é um mar de rosas e que toda mulher nasceu pra desempenhar esse papel. Eu vou lançar outro desafio, o desafio da MATERNIDADE REAL. De tudo o que as mães passam e as pessoas não dão valor, como se toda mulher já tivesse sido programada pra viver ... [Continuar lendo](#)



◀ ○ ◻

Ser mãe? Nunca

Ao divulgar que ligou as trompas, aos 29 anos de idade, uma bela jovem -- Anjali Sareen -- foi intensamente interrogada pelos seus amigos e amigas, pelos seus parentes, leitores e leitoras perplexos diante do radical controle de natalidade da jovem. Ela não queria ser mãe, já aos 21 anos, mas não achou nenhum médico que fizesse a ligadura de trompas por achá-la muito jovem.

Sou solteira, não tenho filhos, e, há seis semanas, aos 29 anos, me submeti a uma laqueadura.

Foi, sem dúvida, a melhor decisão que já tomei.

O processo de ligar as trompas teve menos a ver com a preparação física para o procedimento e mais com preparar outras pessoas em minha vida mental e emocionalmente.

O que me deixou mais surpresa foram as reações de amigos próximos e família, que há muito tempo sabiam do meu desejo de não ser mãe: apesar do apoio que todos tinham dado à minha escolha, a decisão de torná-la cirurgicamente permanente pareceu despertar uma onda de preocupação e nervosismo que nunca tinha visto antes.

Porque, pensei, é tão fácil respeitar a escolha de uma mulher de não ter filhos, desde que ela não altere fisicamente seu corpo, para apoiar aquela escolha?

Considerações finais

O conhecimento médico destinado a permitir a gravidez de mulheres com dificuldades para engravidar por serem portadoras de doenças ou terem idade avançada só tem sido aperfeiçoado. E os recursos médicos estão disponíveis aos que podem pagar por eles.

Os procedimentos destinados ao controle da natalidade ainda são vistos com muitas restrições, sejam os medicamentosos, sejam os processos de intervenção ao corpo da mulher, como o aborto. Dispositivos ideológicos seculares, religiosos e laicos são mobilizados para barrar a autonomia da mulher nesses processos de regular suas vidas.

Embora parte das mulheres possam escolher a não maternidade, serão ainda objeto de estranhamento até de absoluta reprovção de parte dos seus contemporâneos.

Este trabalho, comprova que a defesa dos direitos sexuais e reprodutivos é um tema de longa duração (BRAUDEL,1978) na história das mulheres, mas a sua efetiva conquista é um processo

desigual e nunca permanente, pois é sujeito a retrocesso. Pensamos que na história, os direitos de cidadania da mulher vinculam-se aos valores que a cultura propõe sobre as suas possibilidades de viver a sua condição como ser humano. Conforme nos lembra Agnes Heller, na obra *O cotidiano e a história*, é na vida cotidiana que nossos valores se expressam, são modificados ou destruídos.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Renata Pereira. “Ser mãe na Colonia: a condição da mulher sob o aspecto da maternidade irregular (Séc. XVII e XVIII)”, <http://www.klepsidra.net/klepsidra10/mulheres.html>
Ultimo acesso 04/07/2016.

BRAUDEL, Fernand. “História e ciências sociais: a longa duração”. In: Escritos sobre a história. São Paulo: Perspectiva, 1978, pp. 41-77.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica de Arno Vogel. 2a. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

COBRA, Ercília Nogueira. “Virgindade Anti-higiênica - Preconceitos e convenções hipócritas”. São Paulo: Ed. da Autora, 1924, 127 p. (referido por L. C. Melo e minha cópia), transcrição de R.Q.Cobra, in: http://www.geocities.com/cobra_pages/virgindade.html

COVA, Anne. “História da Maternidade: em que ponto estamos?” Trad. de F. A. Cardoso & M. A. Amorim, *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, p. 163-185, mai. 2012. ISSN 2237-8871. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/3336/3691>>
Acesso em: 07 Jul. 2016.

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/3336/3691>

GAY, Peter. *A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. Trad. Perl Salter, São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder, 7a. ed., Rio, Paz e Terra, 2004.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. Communication, identité et citoyennete féminine dans la culture globale: actualité du passé: in ACTES DU IV ème Colloque France-Brésil des Chercheurs en Communication - PRATIQUES CULTURELLES COMMUNICATION ET CITOYENNETÉ, Grenoble, 1998, pp.269-276.

KOSHIYAMA, Alice Mituka. “Um projeto para a mulher na segunda década do século vinte: educação para o trabalho e a autonomia”. Florianópolis, Fazendo o Gênero 8, 25 a 28/08/2008. http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST5/Alice_Mitika_Koshiyama_05.pdf

NASCIMENTO, Carla. “Mulher que rejeitou desafio da maternidade tem perfil bloqueado no facebook e defende: “Não é depressão”. Extra.globo.com, 17 e 02/2016. <http://extra.globo.com/mulher/mulher-que-rejeitou-desafio-da-maternidade-tem-perfil-no-facebook-bloqueado-defende-nao-depressao-18692046.html>

PERROT, Michelle. “Caçadora de memórias femininas”, entrevista a Laura Greenhalg. Caderno ALIAS, *O Estado de S. Paulo*, 04 de março de 2007.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio: Paz e Terra, 1991.

SAREEN, Anjali. “Aos 29 anos, sem filhos, acabei de ligar minhas trompas”. 21/06/2016; <http://www.brasilpost.com.br/anjali-saree>